

A INFLUÊNCIA DA CULTURA DO POVO UCRANIANO NO PROCESSO DE COLONIZAÇÃO DO MUNICÍPIO DE RONCADOR – PR

The influence of the ukrainian people culture on the colonization process of Roncador city - PR

Elizângela Yurkiw¹
Adélia Aparecida de Souza Haracenko²

¹Faculdade Estadual de Ciências e Letras de Campo Mourão
Departamento de Geografia
Av. Comendador Norberto Marcondes, 733 – CEP: 87303-100 – Campo Mourão – Paraná - Brasil
elyyurkiw@hotmail.com

²Universidade Estadual de Maringá
Departamento de Geografia
Avenida Colombo, 5790 – CEP: 87020-900 – Maringá – Paraná – Brasil.
haracenko@gmail.com

RESUMO

O presente ensaio visa apresentar um resgate histórico do processo de colonização do município de Roncador-PR, bem como verificar a contribuição dos colonos de descendência ucraniana no decurso do referido processo. Salientamos que o recorte temporal estabelecido para esta investigação compreende desde o início da década de 1920 até a década de 1970. Neste trabalho, refletimos sobre a atuação dos colonos de descendência ucraniana durante o processo de ocupação da área em que a pesquisa esteve centrada. Todavia, diante dos poucos registros documentais que abordam a história da ocupação deste município procuramos fazer uso de uma metodologia que preenchesse essa lacuna existente. Assim sendo, decidimos trabalhar com as fontes orais, por meio da história oral, o que nos possibilitou buscar as informações que necessitávamos direto na fonte, através da fala dos próprios colonos da região que vivenciaram o processo ou que de alguma maneira estiveram envolvidos na colonização da área em estudo. Considerando que os colonos ucranianos e seus descendentes participaram diretamente do processo de colonização da área pesquisada, contribuíram, sobremaneira para a formação de uma cultura local. Estes colonos, após a sua chegada, mantiveram-se unidos em colônias deixando impressos neste espaço geográfico as marcas de uma cultura milenar.

Palavras-chave: Migração. Ucranianos. Colonização. Roncador.

ABSTRACT

This essay aims at presenting a historical rescue of the colonization process of Roncador city situated in the state of Paraná (PR), as well as to verify the contribution of the Ukrainian descendant settlers during that process. The period established for this research includes from the early 1920s to the 1970s. This paper shows a reflection on the actions of the Ukrainian descendant settlers during the process of occupation of the area focused on this research. However, due to the small amount of documentary records that discuss the occupation history of this city, a methodology that would fill such a gap was used. Therefore, oral sources were used, through oral history, which enabled us to get the information needed at the source itself, that is, through the speech of the settlers of the region who have experienced the process or who have in any way been involved in the colonization of the area evaluated. Considering that the Ukrainian settlers and their descendants had participated directly in the process of colonization of that area, they contributed greatly with the formation of a local culture. After their arrival, the settlers were united in colonies leaving marks of a millennial culture in such a geographic area.

Key-words: Migration. Ukrainians. Colonization. Roncador.

1 NOTAS INTRODUTÓRIAS

Este ensaio é resultado parcial de um estudo desenvolvido em um projeto de pesquisa, intitulado “A Geografia das Práxis e da Cultura Camponesa Ucraniana na Colonização da Mesorregião Centro Ocidental Paranaense” que esteve vinculado ao Programa Universidade Sem Fronteiras, no subprograma “Diálogos Culturais”, desenvolvido pela Secretaria de Estado da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior do Estado do Paraná durante os anos de 2009 e 2010. Convém salientarmos que, embora o recorte geográfico deste projeto tenha contemplado dez municípios da Mesorregião Centro Ocidental Paranaense, o presente trabalho restringe-se as considerações analíticas feitas acerca do município de Roncador, localizado no Centro Oeste do Estado do Paraná.

A Figura 1 mostra a área de atuação do projeto tendo em destaque a localização do município de Roncador no Estado do Paraná.

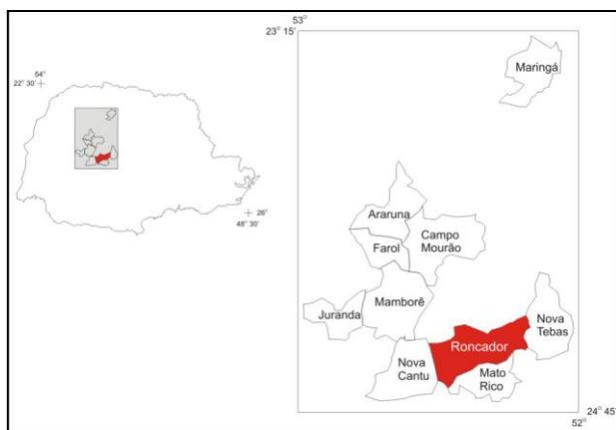


Figura 1: Localização do Município de Roncador no Estado do Paraná.

Fonte da Base Cartográfica: PARANÁ (2000).

Organização: HARACENKO, Adélia.

A base analítica deste estudo está voltada para a compreensão dos diferentes processos de ocupação da área do citado município. Desta maneira, nele, nos dedicamos à compreensão da influência da cultura do povo ucraniano no processo de colonização e formação histórica da região em estudo. Para a sua realização, tornou-se necessário o entendimento do processo imigratório e da

colonização ucraniana no Brasil e, de modo particular no território paranaense.

A pesquisa foi motivada concomitantemente pela necessidade e pelo anseio de apresentar a história de Roncador, bem como, a contribuição da colônia ucraniana para o desenvolvimento socioespacial da área estudada. No que diz respeito à história do município, percebemos que ela, está na mente dos colonos que participaram ativamente do processo de colonização e que são atores sociais importantes na reconstrução da riqueza dos detalhes dessa história. Ressalvamos que o conceito de colono neste trabalho faz referência ao pequeno agricultor que chegou ao município no princípio da colonização e que se utilizou - e ainda utiliza - do trabalho familiar na produção.

Muitos colonos que ajudaram a desbravar as matas que outrora cobriam a região eram advindos de famílias ucranianas. Estes imigrantes, vindos para o Estado do Paraná no período da imigração que ocorre a partir do ano de 1891, buscavam melhores condições de vida, como por exemplo, terra para plantar e para dela poder retirar os sustentos próprio e familiar. Salientamos também, que os ucranianos buscavam uma liberdade que lhes fora proibida durante o período de forte opressão política e religiosa em que a Ucrânia esteve submetida ao domínio de outros países. Neste domínio, uma das características marcantes para o povo ucraniano era a falta de liberdade de poder falar a própria língua e expressar a sua cultura. Este fato, aliado as precárias condições econômicas e sociais enfrentadas, limitava as alternativas de sobrevivência, forçando-os a migrar para outros países.

Durante o desenvolvimento da nossa pesquisa, identificamos que o processo de colonização da área em estudo teve a participação direta dos ucranianos e seus descendentes, uma vez que a presença das primeiras famílias ucranianas nesta área foi verificada desde a década de 1930, coincidindo com a fase inicial do processo de colonização do atual município de Roncador.

Após a fixação, estes colonos passaram a reavivar os seus costumes, a língua, as tradições e assim, a partir da colonização desses imigrantes, o citado município começa a possuir uma identidade cultural pautada nos costumes do povo ucraniano. Paralelamente a isso, essas famílias começaram a desenvolver uma agricultura de subsistência, fato que contribuiu diretamente para a sobrevivência desses colonos na área em estudo.

Para desenvolvimento do nosso estudo, faz-se necessário uma reflexão teórica a despeito do conceito – colonização – que fundamenta a nossa pesquisa. Assim sendo, no decurso desse estudo, num primeiro momento refletimos sobre tal conceito e, em seguida apresentamos a discussão teórica tratando do recurso metodológico utilizado nesta investigação, fundamentada na história oral, por meio das fontes orais. Paralelamente, fazemos breves considerações acerca da imigração ucraniana para o Brasil e, posteriormente, apresentamos a história de Roncador no período da sua colonização a partir da trajetória de vida dos sujeitos sociais descendentes de ucranianos, quais contribuíram diretamente para o referido processo.

2 REFLEXÕES TEÓRICAS CONCEITUAIS E METODOLÓGICAS: COLONIZAÇÃO E HISTÓRIA ORAL

No que diz respeito às reflexões teóricas-conceituais acerca da temática em questão – colonização – fazemos menção a alguns autores como, Tavares; Considera e Silva (1972), Petrone (1973), Silva (1973), Laranjeira (1983), Santos (1989), Assumpção (1996) Haracenko (2002) Yokoo (2002) e Haracenko (2007), tais autores possuem estudos que contribuem para as discussões a despeito do conceito aludido.

Iniciamos a nossa reflexão, com as considerações de Assumpção (1996) que assevera ser o conceito de colonização uma forma de aproveitamento econômico da terra. Colonização, neste sentido:

É toda atividade oficial ou particular, destinada a promover o aproveitamento econômico da terra, pela sua divisão em lotes ou parcelas de tamanho equivalentes no mínimo ao de uma propriedade familiar, para serem explorados por unidade familiares ou sob a forma de cooperativa (ASSUMPCÃO, 1996, p. 51).

Por sua vez, Raimundo Laranjeira (1983), define o termo colonização, essencialmente, no sentido de ocupação de determinada área. Assim sendo, Laranjeira (1983) salienta que:

O termo colonização traz, basicamente, o sentido de ocupação territorial, combinado com a idéia de desenvolvimento de uma atividade econômica. Por isso, há que (se) pressupor (sic), o esforço de estabelecer em algumas áreas certos grupos de pessoas, quando então, duas espécies de contingentes distinguem dois tipos de ocupação: 1) ocupação do território por imigrantes, pessoas físicas estrangeiras; 2) ocupação do território por nacionais, que se instalam em regiões onde não nasceram, mas que permanecem em seu próprio país (LARANJEIRA, 1983, p. 3-4).

No caso em estudo, a colonização da área enquadra-se no item 1 apontado pelo autor, tendo em vista que a ocupação da região onde encontra-se o atual município de Roncador foi desenvolvida em sua maior parte pelos descendentes de ucranianos migrantes dos municípios do Sul do Paraná e em menor parte pelos imigrantes vindos diretamente da Ucrânia.

Ainda refletindo sobre o conceito de colonização Yokoo (2002, p.17) assevera:

A colonização, além de promover a ocupação de um determinado espaço geográfico, é resultado de uma demanda externa ou interna, ou seja, de um movimento (i) migratório partido de fora da região, ou do interior do próprio país que será objeto desse processo de colonização das terras agrícolas.

Na citação acima, Yokoo se refere à colonização de terras agrícolas; aprofundando

esta discussão teórica, Santos (1989), salienta que o “Processo da colonização agrícola constitui um processo social complexo, de uma dupla dimensão, espacial e temporal, que faz interagir forças sociais em conflitos e deste modo, produz relações sociais” (SANTOS, 1989, p. 112).

Para Silva (1973), a palavra colonizar implica na permanência de um grupo de pessoas em um determinado local, que pode estar desocupado ou ter parte da área ocupada, sendo que, a permanência desse grupo de pessoas deve ser duradoura e estes grupos devem estar desenvolvendo uma atividade econômica.

De acordo com Tavares; Considera e Silva (1972), o termo colonização, pode ser confundido com povoamento, assim sendo, ocorreria o processo de ocupação paralelamente a valorização da área, realizado por indivíduos provindos de fora. Para os autores, o processo de colonização se processa com a fixação permanente do povoamento, por meio do trabalho, em determinada região, sendo a colonização uma forma de ocupar e explorar o território. Conforme enfatizam os autores acima citados, o conceito de colonização compreende uma forma de povoamento, dirigida normalmente por um planejamento governamental ou privado, definição esta, vista de um sentido mais restrito.

Os estudos realizados por Petrone (1973) vêm ao encontro das considerações dos autores acima citados, quando o autor expõe: “Tornou-se pacífico ser praticamente impossível dissociar a noção de colonização da noção de povoamento” (PETRONE, 1973, p. 51). Ele entende que existe uma associação entre colonização e expansão e, assim poderia considerar que a colonização deriva de estímulos externos “em qualquer caso, todas as decisões partem de fora: os contingentes demográficos, os capitais [...] todos os meios empregados, ou quase todos, partem de fora” (PETRONE, 1973, p. 51).

Para Haracenko (2002) “A colonização sempre esteve a mercê do Estado, e acompanhou a estratégia para expandir o capital sobre os novos territórios”

(HARACENKO, 2002, p. 37). Igualmente, Santos (1989), considera que: “A colonização constitui uma forma de produção social sobre um determinado meio natural, e, portanto, trata-se de um processo social cuja especificidade cumpre tentar reconstruir e explicar” (SANTOS, 1989, p. 104). Desta maneira, o autor salienta ainda, que o processo de colonização envolve uma série de conflitos pela posse da terra, construindo um cenário de lutas e rivalidades. No processo de colonização, o Estado é um agente que atua diretamente com o objetivo de expansão econômica e possui controle político sobre o espaço.

Evidenciamos em nossa pesquisa, que a colonização da área em estudo foi efetivada por meio do processo de ocupação pelas famílias de descendentes de ucranianos e, aliado à ocupação estava igualmente o sentido do aproveitamento econômico da terra por parte dessas famílias. Isso era o que garantia sua sobrevivência. Assim, entendemos que “a colonização é um processo de ocupação de território” (Laranjeira, 1983, p.3). Contudo, concordamos com Gregory (2005) quando o autor evidencia que o termo colonização, principalmente no sentido léxico, tem um sentido amplo e pouco preciso.

No percurso da nossa pesquisa sobre o processo de colonização da área estudada, percebemos que este termo assumia – para nossos entrevistados – uma postura de desenvolvimento da região, mas este desenvolvimento regional não aconteceu de forma pacífica, pois os colonos ao serem entrevistados sobre o período da colonização do município faziam uma ligação tanto com relação à venda de lotes quanto a lutas pela posse da terra. Durante análises da fala das nossas fontes, percebemos também que os colonos entendiam o termo colonização como a aquisição de um lote realizada por aqueles que chegavam à região e, que o conjunto dessas aquisições, proporcionou a colonização da área em estudo. Neste sentido, a idéia central dos colonos sobre a colonização está de acordo com Tavares; Considera e Silva (1972), isto é, está atrelada ao povoamento regional.

A partir das reflexões teóricas e da contextualização realizada pelos autores a despeito do conceito de colonização, entendemos que este termo em sua amplitude, assume uma postura dinâmica que envolve uma série de relações, entre ocupação, desenvolvimento econômico e valorização da área. No entanto, ao trabalharmos com o conceito de colonização, faz-se necessário algumas considerações com relação ao conceito de colono, sobre o qual teceremos breves comentários, pois este está diretamente ligado a aquele. Segundo Stedile e Fernandes (1999, p. 49):

Colono é uma palavra muito utilizada no Sul do país como sinônimo de “pequeno agricultor”. A origem vem dos primeiros camponeses que chegaram como imigrantes da Europa, no final do século XIX, início do século XX. Cada camponês imigrante recebeu do governo uma área de terra correspondente a 25 hectares, que foi denominada de “colônia”. Por isso seu ocupante passou a ser chamado de colono. No estado de São Paulo, “colono” foi uma designação sociológica para a relação social estabelecida nos cafezais entre os grandes proprietários e os camponeses imigrantes.

Abordando o conceito de colônia acima citado, Laranjeira (1983) ressalta que, colônia é o resultado do processo de colonização, ou seja, a colônia é um conjunto de glebas, que passa a ser utilizado pelos colonos para desenvolvimento das suas atividades.

Igualmente, discutindo o termo colônia, Schollosser (2005), ao trabalhar com análises das construções discursivas no Extremo-Oeste do Paraná, depara-se com diferentes significados para o termo colônia, cuja expressão utilizada é empregada pelos comerciantes daquela região em duas situações: a primeira delas referindo-se a uma cerveja denominada colônia, a segunda deriva de uma brincadeira feita pelos comerciantes, quando dizem: de quem vamos tomar uma colônia? O termo, neste caso, aparece como motivo de piada.

Para Schollosser (2005, p. 79), no cotidiano do camponês “o termo colônia mantém vivas as relações sociais dos sujeitos que cercam os desdobramentos econômicos, sociais, políticos e culturais”. Segundo a autora, “colônia também é sinônimo de cultura e lazer, produzido ao longo de um exercício de transversalidade expresso na colonização, modernização/ diversificação agrícola” (SCHLOSSER, 2005 p. 82). A autora conclui dizendo que “o termo colônia circula no mundo do universo discursivo e exala o imaginário local, vinculado ao simbólico” (SCHLOSSER, 2005, p. 81).

Assim, também tratando do termo colônia e de temas interligados ao processo de colonização, Haracenko (2007, p. 182), por sua vez, evidencia que:

As expressões colonizar, colonização e colônia, quando analisadas separadamente parecem estar desvinculadas, porém, num segundo momento apresentam interligações, uma vez que no ato de colonizar estão imbricadas as expressões colonização e colônia, podendo ser colocadas como o resultado da referida ação.

Portanto, a partir das considerações feitas acerca da expressão colônia, evidenciamos que em nossa área de estudo, este termo, aparece como sendo a propriedade de cada colono. Esta propriedade normalmente está localizada próxima a outras propriedades, cujos moradores são da mesma origem, neste caso, de gênese ucraniana.

Expostas as discussões acerca dos conceitos de colonização, bem como do termo colono e da expressão colônia, doravante, trataremos dos recursos metodológicos utilizados em nosso trabalho de pesquisa. Destarte, com relação à metodologia utilizada nesta pesquisa, optamos por trabalhar com a história oral. Portanto, no que diz respeito à coleta das informações, sentimos a necessidade de buscar na prática social os fundamentos do nosso estudo e assim, foi a partir dos dados e informações levantadas pelas nossas fontes, que analisamos o processo de colonização da área investigada.

Verena Alberti (1990) salienta que história oral é um método de pesquisa e, seu uso se justifica no contexto de uma investigação de cunho científico e que deve estar ancorada em uma atividade de pesquisa, sendo necessário que haja perguntas, que justifiquem a investigação, desta maneira “a história oral só começa a participar dessa formulação no momento em que é preciso determinar a abordagem do objeto em questão: como será trabalhado” (ALBERTI, 1990, p.12). Ainda, assevera a autora que:

Fazer história oral não é simplesmente sair com um gravador em punho, algumas perguntas na cabeça, e entrevistar aqueles que cruzam nosso caminho à disposição de falar um pouco sobre suas vidas. Essa noção simplificada do que seja a história oral muitas vezes resulta em um punhado de fitas gravadas, de pouca ou nenhuma utilidade, que permanecem guardadas sem destino, ou ainda, sem que se saiba muito bem o que fazer com elas (ALBERTI, 1990, p. 12).

Por sua vez, José Carlos Sebe Bom Meihy (1996, p. 13), salienta que a “história oral é um recurso moderno usado para a elaboração de documentos, arquivamento de estudos referentes à vida social das pessoas [...]” O autor acrescenta ainda que “a história oral tem de responder a um sentido de utilidade prática e imediata” (MEIHY, 1996, p.13). O autor prossegue salientando que, a base da história oral é o depoimento gravado e que a história oral é constituída de três principais fases, sendo elas: a gravação do depoimento, a transcrição da gravação e por último a análise do material elaborado. Segundo Meihy (1996), a história oral de vida, é mais subjetiva que objetiva, pois, é dada ao entrevistado a liberdade de relatar abertamente sua história de vida.

Com relação à subjetividade da história oral de vida, devido à liberdade oferecida ao depoente, a autora Maria Isaura Queiroz (1983), ressalta:

Na utilização da “técnica da liberdade”, uma vez ultrapassada a escolha do tema e a escolha do informante, durante o decorrer

das gravações este último passa a ter certa autonomia em relação ao pesquisador, no que diz respeito à abordagem do tema e ao fornecimento de informações, ele mesmo governa a escolha do que vai dizer, o seu ritmo, a ordenação dos assuntos com o mínimo possível de influência exterior visível sobre o que diz e o que faz saber. E é nesta autonomia do informante que reside o ilimitado potencial do que pode fornecer. Qualquer informação se torna, então, proveitosa, podendo abrir horizontes que o pesquisador não suspeitara (QUEIROZ, 1983, p. 68).

Porém, para Queiroz (1983), por mais liberdade que seja dada ao depoente, o entrevistador impõe, de certa forma, as questões que quer saber, pelo simples fato de estar presente e de informar ao entrevistado o tema que envolve a pesquisa. Segundo Queiroz (1983, p. 71), “histórias de vida e depoimentos pessoais, quando cuidadosamente realizados, possibilitam conhecer um grupo e uma sociedade de seu interior”.

Assim, ao escolhermos como metodologia a história oral, através das fontes orais, adotamos o gravador como técnica de pesquisa e iniciamos as entrevistas. A seleção dos colonos depoentes foi realizada de acordo com o seguinte critério: entrevistar colonos de origem ucraniana, sendo a preferência por pessoas mais idosas, que tivessem participado de certa forma, do processo de colonização da região. Após termos delimitado o procedimento da pesquisa, foi necessário entrar em contato com os colonos que foram selecionados para as entrevistas, explicar os objetivos do trabalho e tentar agendar a entrevista no dia que fosse mais apropriado, de acordo com a disponibilidade de cada um deles.

As entrevistas foram realizadas da seguinte maneira: fazíamos uma pequena apresentação do entrevistado, e em seguida, lançávamos a primeira pergunta. Deixávamos o depoente falar livremente, e conforme havia a necessidade, fazíamos perguntas que achávamos conveniente. A preferência era ter o mínimo de interferência possível por parte do entrevistador, porém, na maioria dos casos,

era necessário que a entrevista fosse sendo direcionada, pois, alguns dos entrevistados tinham um pouco de dificuldade em proceder sobre o assunto e continuar expondo. Ao término da entrevista, pedíamos ao entrevistado que nos autorizasse utilizar a entrevista como fonte de pesquisa, cientes dos objetivos da entrevista, os colonos assinavam um documento dando-nos autorização para a utilização da entrevista em nosso trabalho de pesquisa. Destacamos que as entrevistas coletadas foram gravadas e filmadas, e posteriormente, arquivadas em DVDs.

Esclarecendo dúvidas com relação aos depoimentos “colhidos”, isto é, no ato da análise refletindo até que ponto a história relatada por cada colono poderia ser verdadeira, encontramos resposta na fala de Bosi (1987, p.1):

Não dispomos de nenhum documento de confronto dos fatos relatados que pudesse servir de modelo, a partir do qual se analisassem distorções e lacunas. Os livros de história que registram esses fatos são também um ponto de vista, uma versão do acontecido, não raros desmentidos por outros livros com outros pontos de vista [...].

Após as entrevistas gravadas, iniciamos as transcrições das mesmas, haja vista que, como salienta Meihy (1996, p. 22) “a história oral, porém, além do seu valor documental enquanto gravação (que guarda em arquivo a modulação da voz e a situação da entrevista) precisa ser passada para a linguagem escrita, a fim de facilitar reflexão e estudos”. Em se tratando da apresentação escrita das entrevistas em nosso trabalho, concordamos com Thompson (1998), quando o autor diz:

Não existe nada que substitua uma transcrição completa. Até mesmo a melhor versão resumida mais parece às anotações de um historiador inteligente extraídas de um arquivo do que os documentos originais [...] A transcrição integral deve, pois, incluir tudo o que está gravado, com a possível exceção de digressões para verificar se o gravador está funcionando, para tomar uma xícara de chá, ou para bater um papo sobre

como está o tempo, sobre doenças, e coisa assim [...] (THOMPSON, 1998, p. 293).

Portanto, as entrevistas foram transcritas na íntegra, conforme a fala de cada colono entrevistado, não havendo alteração. Entendemos que dessa forma, a narração da história contada pelos pioneiros estaria na sua essência e poderia facilmente ser assimilada pelos leitores. Se feita qualquer correção na transcrição das entrevistas em se tratando a “erros de português” o sentido da fala dos entrevistados tomaria outra acepção, dessa maneira, estaríamos cometendo um erro de maior proporção, o preconceito lingüístico. Neste sentido, tratando dos “erros de português” Marcos Bagno (2004), em seu livro *Preconceito Lingüístico*, ressalta que:

Ninguém comete erros ao falar sua própria língua materna, assim como ninguém comete erros ao andar ou respirar. Só se erra aquilo que é aprendido, naquilo que constitui um saber secundário, obtido por meio de treinamento, prática ou memorização: erra-se ao tocar piano, erra-se ao dar um comando ao computador, erra-se ao falar/escrever uma língua estrangeira (BAGNO, 2004, p. 124).

Igualmente, tratando de preconceito lingüístico, Haracenko (2007), salienta:

O preconceito lingüístico é decorrente do preconceito social. Igualmente, os vícios de linguagem, que perpetuam no mundo rural, o mundo camponês – ou, aos olhos da elite, o mundo do “caipira” – são motivos de preconceito dessa mesma elite, que vê naquele homem do campo um sujeito ignorante que “não sabe falar corretamente” (HARACENKO, 2007, p. 68).

Portanto, com a contribuição teórica de Bagno (2004) e Haracenko (2007), fomos sensibilizados com relação à transcrição das entrevistas, deixando-as da maneira como são faladas, pois, somente dessa forma, poderíamos compreender a maneira como cada colono relata o processo ao qual vivenciou ou teve a oportunidade de ouvir de seus pais e avós. Como exposto, a temática proposta neste

estudo, foi desenvolvida utilizando as fontes orais, metodologia esta, que se tornou fundamental para desenvolvimento desta investigação. Após as discussões acerca dos conceitos que embasam a nossa pesquisa, bem como da metodologia utilizada, ou seja, da história oral, acreditamos termos elencado as bases teóricas e metodológicas que deram sustentação a presente pesquisa.

3 ASPECTOS DO CAMINHO PERCORRIDO PELOS UCRANIANOS: DO LESTE EUROPEU AO BRASIL

Em seus trabalhos de pesquisa, Oksana Boruszenko (1995), salienta que os primeiros ucranianos que chegaram ao Brasil em 1891 eram provindos da Galícia, região ocidental da Ucrânia. Estes imigrantes partiram de sua pátria em busca de melhores condições de vida e novas oportunidades, pois estavam submetidos à forte opressão política e religiosa. Este fato, aliado as péssimas condições econômicas e sociais que enfrentavam, não deixava alternativas a não ser a imigração para outros países. Além desse fator que forçou a ocorrência da migração ucraniana nesse período, faz-se necessário acrescentar dois outros eventos importantes que contribuíram fortemente para o referido processo.

A Ucrânia nesse período apresentava altas taxas de crescimento populacional, tendo a necessidade de maior produção de alimentos de modo a atender a demanda. Lembrando ainda, que a Ucrânia era pouco industrializada nesta época, o que impossibilitava a indústria de absorver o excedente de mão-de-obra do campo, uma vez que, as terras disponíveis para essa população não eram suficientes para atender suas necessidades básicas, como por exemplo, a alimentação das famílias.

Nesse período a política imigratória do Brasil ofertava ao imigrante eslavo o que ele necessitava: terra para produzir e trabalho, vale lembrar que nesse processo imigratório houve muitos casos, envolvendo agentes de imigrações que faziam promessas aos imigrantes que não seriam cumpridas posteriormente. Estes fatos não ocorreram

apenas com os ucranianos, mas envolveram vários outros povos que vieram para o Brasil. No caso específico dos ucranianos ao chegarem ao Brasil, estes imigrantes constataram que haviam sido enganados, e que muitas das propagandas feitas na Ucrânia não condiziam com a realidade com a qual se depararam, então, tiveram que ser solidários entre si para superar as dificuldades que tiveram que enfrentar.

Ao desembarcar no Brasil, o imigrante que vinha da Ucrânia deveria provar suas primeiras decepções e amarguras. Que doloroso contraste entre o que ele sonhara antes e a realidade que sobreveio depois! [...] Ao chegar ao seu destino, o imigrante percebeu logo que o belo trama de sua imaginação deveria ceder à realidade muito outra, distinta, bem diversa da que sonhava (BURKO, 1963, p. 51).

Contudo, o Brasil era ainda uma melhor alternativa, considerando as precárias condições de vida e a opressão em que estavam submetidos na Ucrânia. A primeira dificuldade enfrentada por esses imigrantes foi com relação à adaptação a um país que possuía características bastante particulares e diferentes do seu país de origem, ou seja, um país desconhecido por eles, mas conforme assevera Burko (1963) em uma escrita apologética:

Destacando-se pelo seu grande amor a terra e ao trabalho agrícola, os ucranianos das primeiras imigrações, à exceção de poucas famílias preferiram o campo à cidade, não temendo mesmo o sertão bravo. Foram desbravando as matas, abrindo estradas, beneficiando as terras e cultivando com afinco o quinhão que haviam recebido do Governo, melhorando assim a sua sorte e ao mesmo tempo contribuindo para o desenvolvimento econômico do país. Desta maneira o imigrante afeiçoava-se cada vez mais à sua terra, aderindo ao solo da nova pátria como aquelas sementinhas que ele lançava ao chão, cujas raízes fincadas na terra exigem força para serem arrancadas (BURKO, 1963, p. 54).

Boruszenko (1995) menciona que a primeira fase da imigração ucraniana para o Brasil, ocorreu a partir da década de 1890, mais precisamente, no ano de 1891, com a chegada de oito famílias vindas da Galícia, fundando a colônia Santa Bárbara, próximo de Palmeira, entre Curitiba e Ponta Grossa. A autora destaca que a maioria dos ucranianos que emigraram no ano de 1895 foram para os arredores de Curitiba e, os que emigraram entre 1896 e 1897 se fixaram em Prudentópolis e Marechal Mallet. Boruszenko (1995) salienta que esta região fora escolhida por esse povo devido às semelhanças com a terra natal. A autora ressalta ainda, que no início do século XX o Paraná contava com 24 mil imigrantes ucranianos.

Segundo Boruszenko (1995), a segunda fase ocorre no início do século XX devido entre outros fatores, os motivos de cunho político. Os imigrantes ucranianos foram convidados pelo Governo do Estado do Paraná, a trabalhar em obras públicas, como por exemplo, na construção da linha telegráfica Foz do Iguaçu – Paranaguá, na construção da linha férrea Irati – União da Vitória e, posteriormente, na construção da linha férrea São Paulo – Rio Grande do Sul. Paralelo a isso, poderiam também desenvolver uma produção agrícola de subsistência, atendendo assim, uma necessidade imediata do imigrante eslavo. Estes imigrantes normalmente eram conduzidos às colônias já constituídas, como Prudentópolis, por exemplo.

Já a terceira fase da imigração ucraniana para o Brasil, de acordo com Boruszenko (1995), acontece após a Segunda Guerra Mundial, nesta fase, emigraram mais de 200 mil ucranianos. Estes imigrantes eram refugiados políticos que lutaram contra os russos e que foram mandados para trabalhar na Alemanha durante o domínio nazista em parte da Ucrânia.

Estes imigrantes ucranianos vinham em busca de terra para plantar, impulsionados, principalmente de acordo com Tavares (2008) pelas más condições socioeconômicas que enfrentava a Galícia, forçando-os a migrar para outros países, dentre eles o Brasil,

fixando-se em sua grande maioria no Paraná. Assim sendo, Boruszenko (1995), destaca que o Estado do Paraná abriga a maioria dos ucranianos que vivem no Brasil, cerca de 350 mil dos 400 mil migrantes e descendentes.

Romário Martins (1937) relata que o número de ucranianos que se estabeleceram no Paraná, não traduz números reais. Pois os primeiros imigrantes eram oriundos da Galícia e entraram no Brasil registrados como poloneses ou austríacos. Tal fato explica-se devido à semelhança entre as etnias supracitadas. Aliado a isso, sabemos que a Ucrânia entre os anos de 1795 a 1918, pertenceu ao antigo Império Austro-Húngaro e, a maioria da população estava submetida à nobreza polonesa. Nesse período o Império Austro-Húngaro abrangia os atuais países da Áustria, Hungria, República Tcheca, Eslováquia, Croácia, Bósnia-Herzegovina, partes da Sérvia, Romênia, Polônia e Ucrânia.

Como vemos, este fato dificultou as estimativas com relação ao número exato de ucranianos que migraram para o Brasil. Em virtude do equívoco, foram estabelecidas colônias de poloneses próximas às colônias ucranianas, não havendo por parte dos responsáveis pela distribuição de terra, nenhuma preocupação neste sentido, pois segundo eles, os ucranianos e poloneses poderiam conviver harmoniosamente. Como exposto anteriormente, a maioria dos colonos ucranianos que emigraram para o Brasil, dirigiram-se para o Sul do Estado do Paraná, principalmente, para Prudentópolis e Marechal Mallet. Contudo, com o passar do tempo, devido à inviabilidade de sobrevivência, muitos colonos migraram para novas áreas, dentre elas, para a porção territorial que pertence atualmente ao município de Roncador, onde retomaram suas vidas e enraizaram sua rica cultura.

4 A COLONIZAÇÃO DO MUNICÍPIO DE RONCADOR E A COLÔNIA UCRANIANA

O processo de colonização do atual município de Roncador é marcado pela presença de colonos-posseiros, a partir do ano

1923, quando chega à região a Comissão Exploradora de Terras a mando do governador Afonso Alves de Camargo. A missão da Comissão Exploradora era a construção de um picadão de ligação entre o trecho Guarapuava – Campo Mourão – Mato Grosso. (HISTÓRICO DE RONCADOR, 1986, p. 3). Com relação à abertura desses caminhos ou picadas – picadão como foi chamado – Steca e Flores (2002, p. 17) dizem que: “Os caminhos primeiramente eram trilhas, picadas em matas fechadas, com muitos obstáculos como rios, rochas, subidas inclinadas, que dificultavam a vida dos tropeiros”.

Os operários que trabalhavam na construção do picadão acamparam próximo a um rio, denominado rio Roncador, devido ao barulho forte da queda d’água, aliado ao vento que soprava e formava uma espécie de ronco. Ao rio foi dada a denominação de Roncador que passou a ser posteriormente o nome da cidade, quando foi elevada a categoria de município em Julho de 1960. Conforme informações contidas no Histórico de Roncador (1986), na década de 1920, havia poucos colonos na região, dentre eles destacamos a família Mendes dos Santos e a família Mariano, precedentes do Estado de Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Nesta década, os primeiros colonos que se instalaram na área em estudo, começaram a explorar os recursos naturais existentes, trabalhando, principalmente, na extração das madeiras de lei e áreas de pinheirais. Num primeiro momento, o trabalho era realizado com o objetivo de abrir espaço para a construção das casas desses colonos e, num momento posterior para abastecer as indústrias extrativistas.

Segundo o Periódico Suplemento do Jornal Prácia, intitulado “Missionário” (2006), Na década de 1930, chegam à área em estudo, as primeiras famílias de descendência ucraniana, vindas principalmente, de Prudentópolis e Marechal Mallet. Estas famílias vinham em busca de terra, na esperança de poder construir uma vida melhor. Cabe salientar, que os primeiros colonos que vieram para a região e participaram do processo de colonização da área,

possivelmente, sentiram-se atraídos pelo tipo de solo, pelo clima, pela vegetação, uma vez que a área estudada, neste período da sua história era rica em árvores nativas, como pinheiro-do-paraná, óleo pardo, peroba, cedro, canela, dentre outros. Em respaldo a nossa colocação, temos a contribuição de Ab’ Saber (2003) “a beleza das regiões de Araucária serviram de atrativo para a ocupação dos campos do interior do Paraná” (AB’SABER, 2003, p. 101).

O processo de migração não cessou nos períodos posteriores a década de 1930, haja vista, que a área em estudo continuou recebendo esses colonos ucranianos e seus descendentes durante todo o processo de colonização. Estes imigrantes, após fixarem-se nesta fração territorial, reavivaram seus costumes, hábitos e crenças, que aos poucos foram proporcionando o destaque da cultura ucraniana dentro da localidade.

Neste período, a área estudada, era de difícil acesso, isolada, as estradas eram precárias e a carroça era o principal meio de transporte. Não havia escolas próximas a localidade e, as aulas eram ministradas no mesmo local onde eram celebradas algumas liturgias, tendo em vista, que muitas missas, naquele período, foram celebradas na casa dos colonos de descendência ucraniana, como salienta a senhora Cecília Bednarczuk, “ele [o padre] sempre rezava a missa na casa da minha vó lá embaixo, no Formoso” (BEDNARCZUK, 2009).

Torna-se mister destacar, que a primeira missa do rito ucraniano foi celebrada pelo Padre Benedito Melnik da ordem de São Basílio, ainda na década de 1930. O Padre Benedito vinha a cavalo de Prudentópolis e atendia toda a região. Com as visitas do Padre Benedito, a comunidade aproveitava para marcar batizados, crismas e até mesmo os casamentos. Sobre a vinda do padre Benedito à localidade de Roncador nesta década, em entrevista a Senhora Cecília Bednarczuk, continuou relatando: “[...] O padre vinha de Prudentópolis, vinha a cavalo, aquele padre Benedito [...] ele vinha a cavalo, então, tinha que marcá o casamento e esperá até o padre

podê vim, prá podê celebrá o casamento” (BEDNARCZUK, 2009).

Para garantir a sobrevivência, as famílias trabalhavam no cultivo da terra, plantando e colhendo para subsistência. Outra atividade desenvolvida ainda neste período era a suinocultura “safras” como são ditas pelos colonos, onde os porcos eram “criados soltos num milharal isolado na mata (safra), eram adquiridos por um comerciante, o safrista [...] e levava-os tropeando, isto é, a pé, até os grandes mercados de comercialização” (WACHOWICZ, 2002, p. 182). O senhor Luiz Labiak, em entrevista relatou como era feito o transporte dos porcos para abatimento e, posterior comercialização da carne: “trazia dos sítios, das colônia, trazia tocado, 5, 6 porco. Era de a pé, depois foi comprado um cavalo, aí trazia a cavalo, não tinha condução nenhuma (LABIAK, 2009).

O safrista além de comercializar a carne, utilizava seus derivados, como a banha, por exemplo, para conservar a carne e temperar a comida, o excedente era comercializado, como podemos observar ainda na fala senhor Luiz Labiak: “[..]fritava a banha, daí pegava e levava prá Campo Mourão. Lá, deixava, lá vendia. Ficava as veiz trinta dias prá vendê um pouquinho de banha que tinha, que sobrava daqui, que não vendia, né [...]” (LABIAK, 2009).

Com o desenvolvimento e ocupação da área investigada vieram também as disputas pela terra, em sua maioria, as lutas pela posse das terras surgiam em consequência de falsos documentos de posse, dando origem a grilagem das terras. De acordo com as literaturas que tratam da questão agrária o termo “grilagem” tem origem em uma prática antiga de “envelhecer” documentos forjados para conseguir a posse de determinada área de terra. Os papéis eram colocados em uma caixa com grilos e com o passar do tempo, a ação dos insetos dava aos documentos uma aparência antiga e desta maneira dava uma certa “autenticidade” ao documento.

A senhora Tecla Slobodjan Ciupa, ao relatar sobre as culturas de subsistência que seus pais cultivam na área em estudo assim que chegaram, rapidamente, relembra também

que sua família perdeu parte das terras, pois foram, segundo ela, “tomadas”: “Aqui, nós plantava também milho e tudo, só porque meu pai não possuiu a tera, porque não requereu e depois perdeu, os fazendero tomaro” (CIUPA, 2009).

No período que ocorreu a colonização da área em estudo, aconteceram vários conflitos devido à grilagem das terras. Os colonos que chegavam, após se apossarem de um pedaço de terra, haja vista que eram terras devolutas, precisavam legalizá-las e, neste processo, muitas famílias perderam parte da sua “propriedade”, devido a duas situações: ou o colono não tinha dinheiro suficiente para registrá-las ou era enganado pelos grileiros que se aproveitavam da inocência dos mesmos e registravam as terras em seu nome, ou de algum parente.

Além dos problemas em legalizar as terras, outra dificuldade enfrentada pelos colonos era a falta de transporte. Nesta época, as pessoas que adoeciam eram levadas a cavalo até Campo Mourão. É importante ressaltar, que o enfermo só era conduzido até o hospital se o caso fosse grave, caso contrário, a pessoa era tratada com remédios caseiros que os padres e as irmãs ucranianas ensinavam. Contudo, passados alguns anos um dos colonos da localidade adquiriu um jipe, que passou a ser então, o principal meio de transporte utilizado. Tratando das dificuldades enfrentadas pelos colonos com relação aos meios de transporte neste período, em entrevista a Senhora Cecília comentou:

A dificuldade era quando uma pessoa ficava doente. Daí tinha que í prá Pitanga ou Campo Mourão. E daí, aqui ninguém tinha condução né, depois apareceu um home que tinha um Jipe, daí a hora que ficavam doente, ele levava. As estradas eram tudo ruim, só buraquera, não tinha asfalto né, quando chovia que era mais difícil [...] (BERDNARCZUK, 2009).

Não obstante, apesar das condições desfavoráveis, nesta mesma década, a comunidade ucraniana consegue construir a primeira igreja do rito ucraniano-católico, fato, que proporcionou a esta comunidade a

manutenção da sua cultura, podendo assim, manter viva as suas raízes e características. Neste contexto, evidenciamos que os colonos de descendência ucraniana foram movidos pela religiosidade quando construíram a igreja do rito ucraniano, pois, a partir deste acontecimento, eles – os ucranianos e seus descendentes - tiveram respaldo na sua vida espiritual, uma vez que, a igreja, enquanto instituição social assegurava à práxis da cultura desses colonos. A igreja teve ainda outro papel significativo, ela proporcionava a vinda e a fixação de outros colonos para a área em estudo, fato, que contribuiu diretamente para o processo de colonização do atual município de Roncador.

A comunidade ucraniana contava com o trabalho desenvolvido pelos padres ucranianos, em especial, neste momento histórico, pelo padre João Irenarco Malanhak, que visitava os colonos da comunidade, auxiliando-os na vida religiosa. Salientamos que foi este mesmo padre, que solicitou a vinda de irmãs religiosas para a região de Roncador, com o intuito de atender as necessidades da comunidade, principalmente, para auxiliar na educação dos filhos desses colonos. Com a vinda das irmãs foi possível a construção da Escola Nossa Senhora das Graças, que acolhia não só os colonos de descendência ucraniana, como toda a comunidade, especialmente, quando estes adoeciam, como salienta o Padre Cyrilo Iszczuk: “eu até lembro que o pai uma vez precisava fazer uma operação, ela [irmã religiosa] fez prá ele, sem anestesia, sem nada, só o dedo, e ela fez, ele falou: ‘não tá doendo, pode fazê’, e elas fizeram lá no colégio ainda, naquela época” (ISZCZUK, 2009). Percebemos na fala do Padre Cyrilo a importância que as irmãs religiosas tinham na vida dos colonos neste período da história, pois, “qualquer dificuldade, algum acidente, eles coriam até o colégio” (ISZCZUK, 2009).

Evidenciamos em nossa pesquisa, que muitas famílias, ao constatarem que a área em estudo, contava com o trabalho das irmãs ucranianas Servas da Imaculada Virgem Maria e com uma igreja do seu rito, se deslocavam para localidade e ali fixavam moradia. Tendo

em vista, que muitas dessas famílias, já estavam à procura de uma nova área para migrar, o trabalho das irmãs era um ponto positivo no momento da tomada de decisão da mudança para a localidade de Roncador.

Deste modo, com o passar do tempo, mais especificamente, a partir da década de 1950 a área pesquisada passou por um processo de desenvolvimento com o aumento de sua população e então contou com a abertura de alguns estabelecimentos comerciais, serrarias, posto de gasolina, farmácia e outros, fazendo por merecer sua elevação a distrito do município de Campo Mourão. (HISTÓRICO DE RONCADOR, 1986, p. 04).

Em se tratando do desenvolvimento da localidade, durante o processo de colonização salientamos que, na medida em que os colonos foram chegando, a área estudada foi melhorando a sua infraestrutura e o comércio aos poucos se aprimorava para conseguir atender as necessidades básicas das famílias. O senhor Isidoro Poretz, em entrevista comentou sobre a relevância da comunidade ucraniana, neste processo:

Eu lembro, quando foi procurado acertar a comarca aqui em Roncador, aí chegaram os juizes lá de Curitiba, e eu disse: ‘puxá mais precisava apresentá alguma coisa, precisava agradá eles’.. daí foi feito um jantar no colégio das irmãs, as irmãs prepararam as crianças prá fazer aquela recepção prá eles, as crianças dançavam aquele estilo, estilo ucraniano, né (PUTETZ, 2009).

O desenvolvimento da localidade proporcionou em 1960 sua emancipação política, tendo sido desmembrado do município de Campo Mourão. A partir deste ato, o governador Moysés Lupion nomeou como prefeito provisório o senhor João Otales Mendes, que constituiu o poder executivo do município, até o ano seguinte, quando ocorre a primeira eleição municipal, que elegeu o senhor Eleutério Galdino de Andrade como primeiro prefeito eleito de Roncador, que administrou o município até o ano 1964. No ano de 1964 é substituída a gestão de Eleutério

por Marins de Castro Pereira que fica no cargo até 1965.

No ano de 1965 ocorre uma nova disputa eleitoral, que elege Augusto Becher como prefeito que fica até 1969. De 1969 até 1973 a administração do município fica sob responsabilidade de Isidoro Puretz. Após a gestão de Isidoro Puretz retorna ao poder executivo Augusto Becher que administra até 1977. Nesta década, as condições estruturais do município, apesar do mesmo estar se desenvolvendo, ainda eram bastante precárias, como salienta o senhor Isidoro Puretz:

[...] a cidade de hoje, na época, não tinha ruas, era só avenida, era estrada de Pitanga digamos a Campo Mourão. Só que essa rua, não tinha mais, depois a prefeitura adquiriu um trator de estera, aí foi abrindo ruas e tal, né. Isso, na gestão do seu Augusto Becher, foi o segundo prefeito aqui de Roncador, eleito. Foi abrindo ruas, então, mais era muito difícil porque não tinha energia elétrica, com energia facilita muita coisa, né. Basta que nós não tinha energia, não tinha telefone, não tinha meios de comunicação, uma dificuldade, e as estradas também, não é de hoje com asfalto, quando chovia era aqueles problemas. Então, até o que segurô bastante Roncador, com as dificuldades que tinha era o colégio. Mesmo com as dificuldades por falta de energia, que naquela época tinha o internato, o colégio das irmãs, o colégio Nossa Senhora das Graças. E não tendo energia, um colégio com internato, com as crianças à noite, então, era uma dificuldade. Então, tudo essas coisas era muito difícil, né (PURETZ, 2009).

Evidenciamos na fala do Senhor Isidoro que ao tratar das dificuldades enfrentadas pelos colonos no período da colonização da área, o mesmo menciona a Escola Nossa Senhora das Graças, como um ponto positivo dentro desse processo, uma vez que, o trabalho desempenhado tanto pela igreja através dos padres do rito ucraniano que atuavam como representantes desses imigrantes, como o trabalho desenvolvido pelas irmãs religiosas, que ajudavam esses colonos a sobreviver em meio às dificuldades,

contribuíram sobremaneira para o processo de colonização da área em estudo.

O período que envolva a colonização de área de Roncador foi marcado por um processo lento, porém contínuo, tendo início na década de 1920 e prolongando-se até a década de 1970. A presença da comunidade ucraniana proporcionou que outros colonos se deslocassem para a área pesquisada juntando-se a comunidade e, fortalecendo a atuação desse grupo étnico na organização espacial dessa porção territorial do Estado do Paraná.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Trabalhar com a história oral nos permitiu entender e reconstruir a história do município de Roncador, bem como, identificar a contribuição e influência dos colonos de descendência ucraniana durante todo o processo de colonização da área estudada. Foi através da história oral, por meio dos depoimentos dos descendentes de ucranianos que conseguimos atingir nosso objetivo nesta pesquisa, podendo reconhecer o processo ao qual nos dedicamos a estudar na sua essência, nas suas particularidades.

A partir deste estudo, evidenciamos que os descendentes de ucranianos vindos do Sul do Paraná para o município de Roncador no período da sua colonização, conseguiram estabelecer suas representações e traços culturais na configuração espacial da região, sendo visivelmente identificados, através da presença e preservação da igreja do rito ucraniano e da Escola Nossa Senhora das Graças, os quais tiveram forte influência no processo de colonização do município aludido.

Verificamos, que a igreja do rito ucraniano-católico atua como um centro preservador da cultura ucraniana e, que ela resultou da necessidade de assegurar os costumes, as crenças e a religiosidade dos colonos de descendência ucraniana. A riqueza dessa cultura ofereceu elementos que foram primordiais e decisivos para que o município de Roncador construísse sua identidade cultural atrelada à presença e atuação dos descendentes de ucranianos na região.

A colônia ucraniana formada neste município conseguiu preservar não totalmente, devido a miscigenação entre as etnias existentes, mas parcialmente as raízes dessa rica cultura, mantendo e valorizando suas características religiosas e culturais, tendo como precursores deste desafio, as irmãs religiosas e os padres do rito ucraniano que representavam estes colonos perante a sociedade e afiançavam sua religiosidade.

Portanto, no que tange a manutenção da cultura ucraniana no município, evidenciamos em nossas pesquisas de campo e a partir das análises dos depoimentos “colhidos” durante o nosso estudo, que a religião, a língua, os costumes, as tradições, a culinária, todos estes elementos tão fundamentais para a preservação da cultura ucraniana, ainda permanecem vivos e atuantes entre esse povo e, que os membros da comunidade, os mais idosos em especial, reivindicam dos jovens a valorização da sua cultura.

Torna-se mister ainda evidenciar que, este ensaio suscitou lacunas no que diz respeito à grilagem das terras, nos fazendo compreender, que o município também foi marcado por lutas pela propriedade da terra, fato, que proporciona novos enfoques para estudos futuros. Assim, com a realização dessa pesquisa, esperamos contribuir para o legado do processo histórico regional, bem como, com estudos sobre a temática proposta.

AGRADECIMENTOS

As autoras agradecem a Secretaria de Estado da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior do Paraná – SETI, que através do Programa Universidade Sem Fronteiras apoiou financeiramente o projeto de pesquisa possibilitando o desenvolvimento deste estudo no município de Roncador. Também agradecem a professora Raimone Fagundes pela correção deste texto concernente a escrita correta da língua portuguesa.

REFERÊNCIAS

AB' SÁBER, Aziz. **Os domínios de natureza no Brasil: potencialidades paisagísticas**. São Paulo: Ateliê, 2003. p. 101.

ALBERTI, Verena. Da implantação de programas de História Oral. In: _____. **História Oral: a experiência do CPDOC**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1990. P. 11 – 29.

ASSUMPCÃO, Clóvis Edilberto. **Vocabulário agrário**. Curitiba: Open English course, 1996.

BAGNO, Marcos. **Preconceito lingüístico: o que é, como se faz**. 34. ed. São Paulo: Loyola, 2004.

BERDNARCZUK, Cecília. [Entrevista concedida em 07 de setembro de 2009]. Roncador, 2009.

BORUSZENKO, Oksana. **Os ucranianos**. In: Boletim informativo da casa Romário Martins. 2. ed. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, v. 22, n. 108, out. 1995.

BOSI, ECLÉA. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 2.ed. São Paulo: Edusp, 1987.

BURKO, Valdomiro N. **A imigração ucraniana no Brasil**. 2 ed. Curitiba: S/E, 1963.

CIUPA, Tecla Slobodjan. [Entrevista concedida em 07 de setembro de 2009]. Roncador, 2009.

GREGORY, Valdir. Colonização. In: MOTTA, Márcia (org). **Dicionário da Terra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

HARACENKO, Adélia Aparecida de Souza. **Colonização, reforma agrária e impactos socioambientais em Querência do Norte: um estudo de uma área de conflitos**. 2002. 181 f.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2002.

HARACENKO, Adélia Aparecida de Souza. **O processo de transformação do território no noroeste do Paraná e a construção de novas territorialidades camponesas.** 2007. 627 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Universidade de São Paulo. São Paulo, 2007.

HISTÓRICO DO MUNICÍPIO DE RONCADOR. **História, pioneiros e atualidades.** Roncador: Prefeitura Municipal de Roncador, 1986. Livreto impresso.

ISZCZUK, Pe. Cyrilo. [Entrevista concedida em 07 de Setembro de 2009]. Roncador, 2009.

LABIAK, Luiz. [Entrevista concedida em 10 de junho de 2009]. Roncador, 2009.

LARANJEIRA, Raymundo. **Colonização e Reforma Agrária no Brasil.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983.

MARTINS, Romário. **História do Paraná.** Curitiba: Empresa Gráfica Paranaense, 1937.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de história oral.** São Paulo: Loyola, 1996.

PARANÁ. Secretaria de Estado do Meio Ambiente e Recursos Hídricos. Coordenadoria de terras, Cartografia e Cadastro. Divisão de Cartografia, Geodésia e Cadastro Técnico Rural. Divisão Territorial do Estado. **Arquivo Gráfico do Estado do Paraná.** Curitiba, 2000.

PERIÓDICO SUPLEMENTO DO JORNAL PRÁCIA. **Missionário Ucraniano no Brasil.** Pudentópolis: [s/ed], 2006. Boletim da paróquia São Nicolau de Roncador, publicado pelos padres da Ordem de São Basílio Magno.

PETRONE, Pasquale. Perspectivas da colonização no Brasil. In: ASSOCIAÇÃO DOS GEÓGRAFOS BRASILEIRO, 28., 1073,

São Paulo. **Anais...** São Paulo: AGB, 1973, v.18, p.49-59.

PURETZ, Isidoro. [Entrevista concedida em 16 de Junho de 2009]. Roncador, 2009.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva.** São Paulo: CERU e FFLCH/USP, 1983.

SANTOS, José Vicente Tavares dos. O processo de colonização agrícola no Brasil contemporâneo. In: **Revista Sociedade e Estado.** São Paulo, v.4, n.2 n 2, 1989.

SCHLOSSER, Marli Terezinha Szumilo. **Rádio, consensos e dissensos:** o reverso do discurso e a crise da especialização agrícola (extremo oeste do Paraná 1980-2000). 2005. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2005.

SILVA, Darci. Colonização e zonas pioneiras. In: Associação dos Geógrafos Brasileiros, São Paulo. **Anais.** São Paulo: A.G.B., v.18, 1973.

STECA, Lucinéia Cunha; FLORES, Mariléia Dia. **História do Paraná:** do século XVI à década de 1950. Londrina: UEL, 2002.

STEDILE, João Pedro; FERNANDES, Bernardo Mançano. **Brava Gente:** a trajetória do MST e a luta pela terra no Brasil. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1999.

TAVARES, Luis Almeida. **Campesinato e os faxinais do Paraná:** as terras de uso comum. São Paulo: 2008. 756 f. Tese (Doutorado em Geografia Humana) - Departamento de Geografia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

TAVARES, Vânia Porto; CONSIDERA, Cláudio Monteiro; SILVA, Maria Tereza L.L. de Castro e. Perspectiva histórica da colonização dirigida no Brasil: In: _____. **Colonização dirigida no Brasil:** suas possibilidades na região Amazônica. Rio de

Janeiro: Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas, 1972.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado:** história oral. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

WACHOWICZ, Ruy Christovam. **História do Paraná.** 10 ed. Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 2002.

YOKOO, Edson. **Terra de negócio:** Estudo da Colonização no Oeste Paranaense. 2002. 176 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2002.

Data de submissão: 22.02.2011

Data de aceite: 14.09.2011